

**Nuno Melo**

Ministro da Defesa Nacional

**Intervenção do Ministro da Defesa Nacional, Nuno Melo, por ocasião das cerimónias do Dia da Marinha**

Setúbal, 23 de maio de 2026



**Senhora Presidente da Câmara Municipal de Setúbal, Doutora Maria das Dores Meira, e restantes entidades autárquicas,**

**Senhor Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional, Almirante Jorge Nobre de Sousa,**

**Senhor Presidente da Comissão da Defesa Nacional da Assembleia da República, Doutor Pedro Pessanha,**

**Senhora Secretária-Geral do Sistema de Segurança Interna, Procuradora Patrícia Barão,**

**Senhores Almirantes, Antigos Chefes do Estado-Maior da Armada,**

**Senhor Chefe da Casa Militar do Presidente da República, Tenente-General Paulo Maia Pereira,**

**Senhor Juiz Militar do Supremo Tribunal de Justiça, Vice-Almirante Jorge Novo Palma,**

**Senhor Diretor Nacional da Polícia de Segurança Pública, Superintendente-Chefe Luís Ribeiro Carrilho,**

**Senhor Presidente do Tribunal Judicial da Comarca de Setúbal, Juiz Desembargador António José Fialho,**

**Senhora Presidente do Instituto Politécnico de Setúbal, Professora Doutora Ângela Lemos,**

**Senhores Diretores e Dirigentes do Ministério da Defesa Nacional, e restantes institutos públicos,**



**Senhor Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-General  
Joaquim Chito Rodrigues,**

**Senhores Almirantes, Senhores Generais,**

**Ilustres Entidades Civas, Militares, Académicas e Religiosas,**

**Militares, Militarizados, Polícias Marítimos e Civas da Marinha e  
da Autoridade Marítima Nacional,**

**Caros Setubalenses,**

**Minhas Senhoras e Meus Senhores,**



Uma palavra de especial agradecimento à cidade e ao Povo de Setúbal pela forma calorosa como receberam a Marinha.

Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada,

Militares, militarizados e civis da Marinha,

Minhas senhoras e meus senhores,

Celebramos a chegada de Vasco da Gama à Índia, há 528 anos.

A Marinha Portuguesa é história e património, legado e memória e nela encontramos exemplos de um passado que nos inspira e engrandece enquanto povo.

Os portugueses deram ao mundo a primeira globalização.

Foi assim por causa do Mar, por causa da Marinha e por causa de audazes navegadores que alcançámos continentes, ligámos povos, consagrámos as descobertas e difundimos a língua portuguesa pelos quatro cantos do Mundo, realizando um acontecimento sem precedentes na história da humanidade.



Através da Marinha, Portugal controlou pontos estratégicos e compreendeu muito antes de outros a importância do poder marítimo para a afirmação global do império. Para Portugal o Estreito de Ormuz não nasceu em 2026.

Dito isto, é bom lembrar que a Marinha alcançou feitos inigualáveis, não por ser antiga, mas por ter estado sempre na vanguarda tecnológica do seu tempo, vocação que mantém no presente.

No novo navio revolucionário D. João II, com entrega prevista para o início de 2027, Portugal tem o primeiro porta-drones da Europa, colocando a Marinha na vanguarda das plataformas de sistemas autónomos da vigilância, da investigação científica e segurança marítima.

É bom que se tenha presente: concepção portuguesa, projectada por engenheiros navais nacionais, nascida da visão da Marinha, que agora causa admiração no mundo, com várias intenções de cópia assumidas até por grandes potências.

Noutro âmbito, Portugal é anfitrião do maior exercício mundial em robótica e sistemas não tripulados da NATO, o REPMUS, que atrai Aliados e parceiros.



As marinhas do futuro preparam-se, em Portugal, no REPMUS.

E é também no seio da própria Marinha que nascem capacidades disruptivas como o SHIVER, plataforma não tripulada de superfície furtiva, como também soluções que vingaram no mercado privado e nasceram na Marinha e nas Forças Armadas.

Temos uma Marinha que inova conceptualmente e que é referência em áreas de ponta, justificando que seja admirada e elogiada por outras marinhas do mundo pelo seu pioneirismo e avanços na tecnologia e ciência naval.

Esta dinâmica valoriza a Marinha, faz-nos sentir ainda mais orgulhosos e dá-nos confiança redobrada para o futuro.

Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada,

Minhas senhoras e meus senhores,

Estamos gratos a todos que diariamente servem Portugal e os portugueses no Mar.



No momento em que vos falo, o Navio Escola *Sagres* levando a bordo cadetes da Escola Naval está no Atlântico a dias de atracar em Nova Iorque, onde participará na campanha de candidatura de Portugal a membro não-permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas e na grande regata de veleiros que assinalará os 250 anos da independência dos Estados Unidos, nosso aliado histórico.

A *Sagres* é uma lenda viva e um símbolo de Portugal.

Não há quem não sinta orgulho e até se emocione à vista daquele belíssimo e inigualável veleiro: o Infante D. Henrique na proa, a Cruz de Cristo nos panos redondos das velas enfunadas ao vento, ostentando a divisa patriótica - “*A Pátria Honrai que a Pátria vos contempla*” - saída da inspiração do Ministro da Marinha e Ultramar, José da Silva Mendes Leal, durante o reinado de D. Luís I.

Olhar a *Sagres* é como a nação olhar-se ao espelho: o passado glorioso e o destino marítimo, a identidade e a alma de um povo marinheiro das sete partidas do mundo, a portugalidade.

No continente americano, para a diáspora, a *Sagres* é seguramente sinal de identidade, orgulho e pertença.

Uma palavra de reconhecimento a todos os militares em missão nos mares da Noruega e do Golfo da Guiné, e aos que estão no flanco Leste da Europa à África Austral, e do Sudeste Asiático à América do Sul.

Estes marinheiros mulheres e homens corajosos representam o melhor do espírito nacional, defendendo a Paz e a Liberdade e enfrentando condições adversas e perigos reais, ao serviço de Portugal.

Um reconhecimento também às famílias chamadas a suportar as vicissitudes da vida marinheira, partilhando as ausências e a saudade.

Uma palavra aos militares em missão em terra e no mar, da costa continental à Madeira e aos Açores: aos que asseguram a vigilância marítima, aos que atuam na prevenção dos incêndios e na limpeza de terrenos em zonas críticas, num esforço hercúleo contra o tempo; na vigilância das praias e em missões de busca e salvamento que, só este ano, já salvaram 170 vidas; e aos que auxiliam o combate à criminalidade e aos que respondem a situações de catástrofes e emergências civis.



Os militares da Marinha são hoje cada vez mais essenciais nestas missões, demonstrado em dois exemplos recentes.

No primeiro, a apreensão, em alto mar, de narco-submarinos numa operação envolvendo fragatas e patrulhas oceânicas em apoio à Polícia Judiciária, é mais um feito notável da Marinha. A Marinha e a Autoridade Marítima Nacional estão na primeira linha do combate ao narcotráfico marítimo.

No segundo, o inestimável apoio da Força de Marinha (Marinha e AMN) mobilizada para ajudar as pessoas afetadas pelos recentes temporais e cheias que devastaram muitos concelhos no centro do nosso país.

Forneceram energia e restituíram comunicações, repararam equipamentos e coberturas, e garantiram alimentação e alojamento. Estiveram do lado das pessoas com proximidade, particularmente as mais idosas, que ficaram isoladas, dia e de noite, resgataram pessoas e salvaram animais isolados que são o sustento das comunidades.

Para a história ficou a imagem do jovem fuzileiro a resgatar uma ovelha na zona que ficou submersa pela subida da água do Rio Lis, num gesto que emocionou o país, e correu mundo.



A Marinha é mar, mas também é terra, por isso uma palavra aos Fuzileiros sempre prontos que novamente dignificaram a boina azul-ferrete.

Foram todos extraordinários, levando esperança e colocando-se ao serviço dos seus concidadãos.

Em nome do governo, muito obrigado.

Um reconhecimento aos que desempenham funções na Autoridade Marítima Nacional, com nota para a Polícia Marítima, assegurando a Autoridade do Estado no domínio público marítimo. Uma palavra ao Vice-Almirante Nuno Chaves Ferreira, Diretor-Geral da Autoridade Marítima e Comandante-Geral da Polícia Marítima, pelo notável serviço.

Finalmente, uma sentida homenagem aos Antigos Combatentes da Marinha e das Forças Armadas — Heróis de Portugal — que lutaram pela Pátria com os maiores sacrifícios, incluindo a própria vida, o que nos impõe a obrigação coletiva permanente de os honrar e dignificar.



Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada,

Militares, militarizados e civis da Marinha,

Minhas senhoras e meus senhores,

O mundo está hoje mais perigoso e imprevisível no plano geopolítico, com o poder naval a assumir renovada centralidade.

Esta dinâmica obriga-nos a reforçar racional e pragmaticamente o Pilar Europeu de Defesa e nesse contexto Portugal enfrenta responsabilidades acrescidas, desde logo no Atlântico.

A posição geográfica de Portugal confere-nos uma vantagem geoestratégica singular no Atlântico Norte e Atlântico Sul, e agora, mais ponderado, o desafio do Ártico.

O país é arquipelágico.

A maior parcela do nosso território é Mar.

E temos das maiores Zonas Económicas Exclusivas do mundo, que nos torna um país gigante com recursos que temos de defender.

Hoje, a Marinha desempenha um papel absolutamente essencial no patrulhamento e na fiscalização para fazer cumprir a lei, tem de assegurar luta anti-submarina no quadro da NATO e Europa, e é responsável pela proteção dos cabos submarinos essenciais para a economia mundial - matéria que, por razões de reserva e eficácia operacional, no detalhe, não deve, nem pode ser tratada com espalhafato noticioso.

Assumir a importância estratégica do Mar nesta nação atlântica é um desígnio e investir no Mar e na Marinha deve ser uma obrigação permanente, necessária para lá dos ciclos geopolíticos.

Para tanto, temos de dar à Marinha e ao País as capacidades necessárias para defender os interesses nacionais permanentes e afirmar a soberania no nosso imenso mar.

Mas a visão que definimos para o futuro da Nova Marinha que estamos a construir deve significar, pelo menos para mim, investir primeiro em Portugal, depois na Europa e depois no resto do mundo livre, por esta ordem, e investir na Marinha terá como critério o retorno para a economia através do envolvimento das nossas empresas no ciclo de produção/ou manutenção das novas aquisições.

Foi por isso que recorreremos ao empréstimo europeu do SAFE que envolve acordos estado-a-estado e retorno para o país.

A este propósito, quero lembrar que uma parcela dos 5.8 mil milhões de Euros será destinada à aquisição de fragatas de nova geração.

As novas fragatas serão um salto verdadeiramente transformador e vão assegurar que Portugal continua a dispor de capacidades navais modernas e credíveis, aptas em termos de letalidade e sobrevivência para todo o espectro de missões, incluindo se necessário, para combater em conflitos de alta intensidade.

Queremos uma Marinha que seja oceânica e não uma marinha costeira.

O controlo do mar não se faz apenas com drones, mas com uma Marinha equilibrada que combine meios convencionais e plataformas não-convencionais e disruptivas, polivalentes e de duplo-uso para operar em cenários de assistência humanitária, evacuações e catástrofes.

É com esse propósito que até ao fim da década vão chegar à Marinha 12 novos navios que estarão em construção ou em processo de aquisição, em estaleiros nacionais, ou estrangeiros.



Um marco decisivo e sem precedente na modernização da Marinha do século XXI que reforça a eficácia e credibilidade de Portugal junto de aliados.

Como ontem anunciámos, criámos também o mais ostensivo, eficaz e transparente mecanismo de fiscalização dos investimentos da Defesa na história da democracia em Portugal, e com redundâncias, com entidades onde estará a Inspeção-Geral de Finanças, o Tribunal de Contas, a Procuradoria-Geral da República, e até Deputados.

Este é um ímpeto reformista que a Marinha vem imprimindo a si própria e que a tutela vem executando do lado da Marinha desde o primeiro dia.

Senhor Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Jorge Nobre de Sousa, expresso o meu agradecimento e os parabéns sinceros pelos resultados notáveis neste percurso ao leme da Marinha.



Investir na Marinha terá também o critério do retorno para a economia. Por isso quero aqui dizer que nós não vamos apenas adquirir fragatas.

Vamos realizar o maior investimento dos últimos 50 anos no Arsenal do Alfeite, em ações de dragagem, equipamentos, infraestruturas e formação de pessoal, devolvendo-lhe capacidade de prestar serviços nas embarcações e submarinos mais modernos da Marinha e de operar no mercado, com capacidades do século XXI.

Não há Marinha sem Arsenal do Alfeite e o Alfeite mostra-nos o erro do desinvestimento prolongado.

Este ciclo é uma oportunidade histórica de uma geração que nos permitirá apostar na Marinha, e simultaneamente devolver relevância à manutenção naval no Alfeite, sem ideologia e sem demagogia.

Por alguma razão os estaleiros de Viana são novamente uma referência no mercado, e sem capacidade para mais encomendas até 2030.



Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada,

Militares, militarizados e civis da Marinha,

Minhas senhoras e meus senhores,

As pessoas têm de ser o centro de todas as preocupações.

Drones, robôs e navios serão um auxílio, mas a história da Marinha de amanhã será contada por marinheiros salgados pelo mar, movidos pela criatividade e pelo espírito audaz e inovador que hoje fazem da Marinha referência observada com atenção pelas grandes potências.

O investimento na Marinha faz-se por isso dando prioridade às pessoas.

Reconhecendo esse imperativo, neste Governo aumentamos o quadro retributivo dos militares, aumentamos o suplemento de embarque que estava parado há 30 anos, atualizamos o suplemento dos operadores de câmaras hiperbáricas, criamos mecanismos de apoio em caso de incapacidade ou morte em serviço, convertemos edifícios e espaços para habitação para militares e suas famílias, investimos na saúde militar e proteção social, e lançamos a maior modernização conjugada de equipamentos.



Ao fim de 11 meses conseguimos inverter o rumo da redução do recrutamento e já se revelam sinais positivos.

Mas não chega. Temos de investir mais, para inverter consolidadamente a queda do número de militares na Marinha.

Minhas senhoras e meus senhores,

Tal como daqui partiram gerações que ajudaram a levar Portugal mais longe, quero agora – até por isso – dirigir-me em especial aos jovens setubalenses e através deles, a todos os jovens portugueses.

O desafio que vos lanço é este: venham para a Marinha que está a inaugurar uma nova era de inovação tecnológica de ponta, com militares altamente qualificados, novos meios mais sustentáveis, sistemas avançados e inteligência artificial, com melhores condições.



Na Marinha encontrarão exigência, é certo, mas sobretudo excelência, propósito, e liberdade: liberdade para descer às profundezas do oceano, percorrer os mares do mundo e viver uma experiência que vos dará horizontes e mundo – algo que os *scrolls* ou os *feeds* efémeros das redes sociais nunca vos poderão oferecer.

Troquem a aventura, pelo supérfluo, troquem a espuma dos dias, pela espuma das ondas.

O mundo está a mudar, o futuro acelera diante dos vossos olhos, mas na Marinha podem encontrar a possibilidade de cumprir um sonho, abraçar uma carreira, e encontrar uma oportunidade de dar rumo ao vosso futuro.

O futuro passa por vós, será a vossa geração a ter responsabilidade de o construir, e a Marinha do século XXI só fará sentido se pudermos contar com a vossa energia, o vosso talento e a vossa ambição para darem continuidade à vocação marítima da Pátria portuguesa.

Contamos com todos.

Viva Setúbal, Viva a Marinha, viva sempre Portugal.